

TRABALHO, LUGAR E IDENTIDADE PROFISSIONAL DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO EM AUSTIN, BAIXADA FLUMINENSE

Euler Oliveira Cardoso da **Costa** – SME - PPGEduc/UFRRJ

Lilian Maria Paes de Carvalho **Ramos** – PPGEduc/UFRRJ

Agência Financiadora: FAPERJ

Os homens não deixam de fabricar um guarda-sol que os abriga, por baixo do qual traçam um firmamento e escrevem suas convenções, suas opiniões; mas o poeta, o artista abre uma fenda no guarda-sol, rasga o firmamento, para fazer passar um pouco do caos livre e tempestuoso e enquadrar, numa luz brusca, uma visão que aparece através da fenda [...] Então, segue a massa dos imitadores, que remendam o guarda-sol, com uma peça que parece vagamente com a visão. [...] Será preciso sempre outros artistas para fazer outras fendas, operar as necessárias destruições, talvez cada vez maiores, e restituir assim, a seus predecessores, a incomunicável novidade que não mais pode se ver.(DELEUZE E GUATARRI, 1992, p. 261-262).

Esta comunicação apresenta os resultados finais de pesquisa desenvolvida junto a professoras do primeiro segmento da rede municipal de ensino atuantes na localidade de Austin, Baixada Fluminense. Seus objetivos foram analisar as relações entre as características do trabalho e a formação da identidade docente, entrelaçados com o lugar de atuação deste profissional. Partimos da crença de que o sujeito docente se constrói não apenas na formação inicial e continuada, como também através de sua atuação cotidiana, e essa formação se reflete na sua prática profissional e nas suas formas de relacionar-se com os demais colegas. Devido à receptividade do estudo junto aos docentes e às peculiaridades geográficas da localidade, foi possível analisar como a identidade local/territorial influencia e participa na construção da identidade destes profissionais.

Os conceitos básicos relacionados ao tema, além de ferramentas de pesquisa, permitiram-nos trabalhar com a dinâmica do homem e do lugar e as consequências desses movimentos no espaço. A categoria fundamental na realização da pesquisa foi a da identidade, que deu forma às questões: como a identidade do professor com seu local de trabalho influencia as suas ações? Há identidade com o lugar ou apenas comportamentos uniformes? Como se constrói essa identidade?

De acordo com Hall (2003), a identidade cultural na pós-modernidade torna-se difusa em decorrência das mudanças estruturais transformadoras das sociedades atuais. O autor sinaliza para uma fragmentação das paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que antes eram referencia sólida para as localizações do indivíduo na sociedade. Por outro lado, demonstra preocupação com as consequências que a modernidade tardia vem

provocando no indivíduo e, conseqüentemente, com as mudanças que estas acarretam para a sociedade.

Na contribuição de Haesbaert (2001), a identidade é a expressão mais forte do espaço, através da qual este se comunica com os atores. Os símbolos têm uma expressão no território maior que o território concreto, ao passo que a apropriação do espaço através da expressão da identidade é muito mais forte e delimitadora que as edificações. A identidade atua como referência do espaço, como demarcadora do território, invisivelmente marcado e delimitado por seus símbolos.

Trabalhamos o conceito de lugar recorrendo a diversos autores, com destaque para a definição de Santos (1998; 2004) sobre a velocidade efêmera do mundo globalizado, onde os lugares podem ser vistos como intermédio entre o mundo e o indivíduo. Há uma tensão nessa nova realidade, um movimento constantemente instável, e uma discussão frequente entre globalização e localização. O lugar em constante contato com o mundo externo torna-se específico aos demais: quanto maior o contato com o global, maior a individualidade do lugar. O autor aponta ainda que no lugar, além do movimento racional com um fim prático, ocorre o movimento comunicacional, mediado por símbolos. O cotidiano como componente do conteúdo geográfico, contribui no entendimento da relação entre o espaço (lugar) e os movimentos sociais, vendo na materialidade um condicionante da ação, que a controla e limita, conjugando nossas ações aos objetos (materialidade) que nos rodeiam. Este componente geográfico faz parte da construção do conceito de lugar:

No lugar – um cotidiano compartilhado entre as mais diversas pessoas, firmas e instituições – cooperação e conflito são à base da vida em comum. Porque cada qual exerce uma ação própria, a vida social se individualiza; e porque a contigüidade é criadora de comunhão, apolítica, se territorializa, como o confronto entre organização e espontaneidade. O lugar é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionadas, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, repensáveis através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade (SANTOS, 1998, p. 318).

Ainda seguindo o pensamento do autor, o lugar é onde o global tenta se impor, mas ao mesmo tempo a comunidade local é o lugar da resistência ao global. Pois:

As verticalidades são os vetores de uma racionalidade superior e do discurso pragmático dos setores hegemônicos criando um cotidiano obediente e disciplinado. As horizontalidades são tanto o lugar da finalidade imposta de fora, de longe e de cima, quanto o da contrafinalidade, localmente gerada. Elas são o teatro de um cotidiano conforme, mas não obrigatoriamente conformista e, simultaneamente, o lugar da cegueira e da descoberta, da complacência e da revolta (SANTOS, 2004, p. 286).

Para compreender melhor este fenômeno, utilizamos as contribuições de Souza (1995) ao descrever a relação entre território e identidade.

A ocupação do território é vista como algo gerador de raízes e identidade: um grupo não pode mais ser compreendido sem o seu território, o sentido de que a identidade sócio-cultural das pessoas estaria inarredavelmente ligada aos atributos do espaço concreto (natureza, patrimônio arquitetônico, paisagem)... mas cada espaço seria, enquanto território, território durante todo o tempo, pois apenas a durabilidade poderia, é claro, ser geradora de identidade sócio-espacial, identidade na verdade não apenas com o espaço físico, concreto, mas com o território...( SOUZA, 1995,p.84).

Como vemos, o tema das relações entre identidade e espaço é complexo. Optamos por estudá-lo através de um estudo de caso, devido ao seu caráter sistemático e específico de uma instância, que pode ser um evento, pessoa, ou um grupo com suas singularidades.

... não é um método específico de pesquisa, mas uma *forma particular* de estudo. As técnicas de coleta de dados utilizadas no estudo de caso se identificam com as técnicas do trabalho de campo da sociologia e antropologia. Porém, a metodologia do estudo de caso é eclética, incluindo, via de regra, observação, entrevistas, fotografias, gravações, documentos, anotações de campo e negociações com os participantes do estudo... (ANDRÉ, 1984, p.52. Grifo da autora).

Assim o estudo de caso se adéqua às necessidades de uma pesquisa na área das ciências humanas e sociais, que se quer qualitativa, sem excluir ou ignorar ferramentas quantitativas que possam enriquecer o trabalho. Prossegue a autora afirmando que o estudo de caso busca a descoberta, ainda que partindo de alguns pressupostos. Busca uma apreensão mais completa do objeto ao levar em consideração o contexto no qual se insere. Outra vantagem do estudo de caso é a utilização de fontes variadas de coleta de informação, sempre com foco nas particularidades do estudo (ANDRÉ, 1984, p.52).

Portanto, o método possibilita a comparação com outros casos e mesmo sendo um trabalho sobre uma instância específica, a contribuição acadêmica e social é garantida pelas similitudes encontradas pelo sujeito. Assim, André (1984) afirma que “o estudo de caso supõe que o leitor vá usar esse conhecimento tácito para fazer as generalizações e para desenvolver novas ideias, novos significados, novas compreensões” (Ibid.p.53). Estas novas ideias, significados e compreensões que são possíveis através do método, fortalecem o caráter didático e contributivo que se quer da pesquisa.

A partir dessas recomendações gerais, os instrumentos de pesquisa utilizados foram observação direta e questionários respondidos pela maioria absoluta dos sujeitos, sendo sessenta e

seis no total. O levantamento por meio de questionário teve por objetivo tratar uma série de variáveis, tais como idade, sexo, origem social, escolha profissional, identidade com o local de trabalho, etc. “Nos *levantamentos*, pequenas e grandes populações são estudadas através de amostras para descobrir a incidência relativa, a distribuição e inter-relações de variáveis psicológicas e sociológicas” (KERLINGER, 1980, p.170. Grifo do autor).

Os questionários foram complementados por quatorze entrevistas semi-estruturadas. Com as entrevistas esperávamos encontrar respostas mais detalhadas para algumas questões, como influências sobre a escolha profissional e a relação dos respondentes com seu lugar de trabalho. As entrevistas foram tratadas pela Análise de Conteúdo, metodologia caracterizada por tomar como objeto a palavra e seu significado, isto é, a mensagem que ela transmite. Como a emissão das mensagens está necessariamente vinculada às condições contextuais de seus produtores, acham-se carregadas de componentes cognitivos, subjetivos e historicamente mutáveis, sejam eles explícitos ou latentes (FRANCO, 2008, p.11-12).

Deste modo, o objeto da pesquisa se refere à construção das identidades profissionais dos professores de Austin, sua relação com o seu local de trabalho e as marcas percebidas nas práticas docentes.

O objetivo geral da investigação é analisar a construção das identidades profissionais dos professores, por via do espaço local, identificando a diversidade e as possibilidades que afloram na dialética entre identidades e educação. Ao mesmo tempo, analisar a construção destas identidades em seu contexto local, tendo em vista as relações multiescalares e multiculturais. Trata-se de verificar de que maneira os agentes e as crises externas (conjuntura geográfica, econômica e política) influenciam o trabalho e o dia a dia destes professores.

## JOVENS E EXPERIENTES

Já na fase dos questionários foi obtido um rico material de levantamento inicial do perfil das professoras atuantes no primeiro segmento do ensino fundamental na rede municipal de Austin. Trata-se de um corpo docente jovem, mas não carente de experiência. A maioria ingressou na profissão em torno dos 20 anos de idade, logo após a conclusão do curso de formação de professores.

Uma de nossas preocupações dizia respeito à escolha do local de trabalho, devido ao fato de sabermos que o local, dependendo das condições ofertadas, influi no desempenho profissional de forma positiva ou negativa. Assim, foi importante descobrir que o grupo pesquisado demonstra

satisfação com esta escolha. Pelas respostas obtidas podemos afirmar que o local escolhido atendeu às necessidades do grupo, além de contribuir no seu processo de construção da identidade profissional. Poucos sujeitos pesquisados trocariam seu local de trabalho, evidenciando os fortes laços que os unem. A empatia pelo bairro foi manifestada por 75% dos respondentes.

Fomos ainda levados a constatar a forte identificação dessas professoras com a sua profissão, revelando um processo vigoroso de construção de sua identidade profissional. Essa reafirmação profissional ocorre apesar da insatisfação demonstrada pela maioria com as condições de trabalho, a pouca valorização profissional, os baixos salários etc. Mas essas fontes de insatisfação são externas, posto que a maioria absoluta escolhesse a profissão por vontade própria ou por ideal.

Outra constatação da pesquisa diz respeito ao papel ambivalente do profissional da educação, ao mesmo tempo protagonista e coadjuvante do processo educacional. Isso demanda bastante coerência e autenticidade por parte desses profissionais. Mas os achados mais interessantes certamente surgiram no conteúdo das entrevistas: sua análise revelou algumas respostas surpreendentes para as nossas questões de pesquisa.

Pudemos constatar que a maioria dessas professoras realizou sua formação na Escola Normal, iniciando cedo no magistério, e só posteriormente fazendo sua graduação. Poucas foram as que já iniciaram com nível superior, o que de maneira alguma as fez menos capacitada. Pelo contrário, o fato de já ter experiência de em sala de aula as fez perceber a fragilidade nos cursos de graduação, principalmente em pedagogia. Elas apontam que nesses cursos pouco se cobra e se aprende sobre vivência escolar, problema já apontado em outros estudos. As Escolas Normais parecem oferecer melhor formação nesse quesito. Outra característica observada é que a maior parte das professoras provem de famílias humildes e de baixa renda, oriundas da Baixada Fluminense ou subúrbio do Rio de Janeiro.

Com relação à sua identificação com a profissão exercida, tanto no questionário quanto nas entrevistas, a maioria esmagadora se disse muito identificada com a sua profissão e ao mesmo tempo, seja pela sua própria história, seja pela relação criada, identificada com a realidade do lugar onde trabalham, Austin. Pode-se ainda acrescentar que conhecer esta realidade é fundamental e determinante na sua prática de ensino.

Outro ponto salientado tanto no primeiro momento (questionário) quanto no segundo (entrevistas), é que a escolha por Austin se deu por opção própria e oportunidade, fosse pela facilidade de acesso, fosse pela proximidade de sua casa ou mesmo por gostar do lugar.

Durante nossa pesquisa de campo verificamos que há uma regularidade nas relações dos professores com o bairro onde trabalham, com uma leve diferença entre os professores que vem do município do Rio de Janeiro, para os que vêm da Baixada ou mesmo do próprio município de Nova Iguaçu. Posso dizer que praticamente todas as entrevistadas se relacionam bem com o lugar onde escolheram trabalhar, provavelmente porque essas professoras eram originárias da Baixada ou do município, o que facilita o entendimento e a identificação com essa realidade.

Com relação ao papel da identidade profissional para a atuação docente, constatamos ser esta é fundamental. Todo professor necessita, antes de tudo, se sentir professor. Saber qual o seu papel e suas atribuições junto a seus alunos, sua classe e a sociedade. Ocorre que as constantes mudanças por elas vivenciadas, seja pelas necessidades e demandas discentes, seja pelos motivos alheios ao ambiente escolar, como o jogo de interesses políticos ou econômicos, tem desestabilizado essa identidade profissional.

## O LUGAR E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DOCENTE

Neste item procuramos estabelecer a relação das professoras entrevistadas com o lugar/território, no caso, o bairro de Austin, e com a construção de sua identidade profissional. Para realizar o estudo nos valemos das contribuições de Souza (1995), Claval (1994) Bauman (2005), Haesbaert (2001), Bhabha (2001) e Santos (2004), pinçando alguns conceitos e comparando-os às falas das professoras.

Souza (1995) observa como são tímidas as manifestações acadêmicas que procuram demonstrar a indissociabilidade existente entre identidade e lugar. O território (lugar) vai criando vínculos fortes e marcantes nos indivíduos e assim formando sua identidade, como vemos nas falas das professoras:

*Eu gosto do lugar, eu acho quando você pega um certo tempo num lugar, então aquilo acaba sendo até a extensão da sua casa...(AA).*

*Aqui a gente tem uma relação boa, a gente tem uma comunidade que trabalha com a gente tem uma comunidade que tá junto da escola, e que vem tá criando essa relação com a gente, eu tenho uma boa relação aqui, os pais me conhecem, eu conheço o local, eu conheço em volta daqui, a escola onde eu trabalho é uma escola boa... (VB).*

Entendendo como Souza (1995) que território nada mais é que o lugar ou local que ocupamos por diversos motivos, vemos que este se torna aos poucos uma marca daquele grupo, contribuindo para a sua identidade. Uma identidade construída pelo tempo no espaço, uma identidade territorial, que é formadora de uma sociedade, de um espaço e de toda sorte de relações ali imbricadas.

*Eu acho que por que eu tive também uma infância muito pobre. Por isso que eu entendo eles, por isso que eu me identifico com esse lugar, porque minha infância foi restrita, com muita dificuldade.(ES).*

*É uma relação emocional. Mesmo assim, eu poderia ter escolhido até mesmo morar em outro lugar quando eu me casei. Eu optei por vir morar [aqui], primeiro porque tá perto das pessoas que eu amo e segundo porque eu queria, eu tenho um sonho desse bairro evoluir, sabe... (SSL).*

Claval (1999) demonstra como a construção da identidade é indissociável da relação com o lugar onde um sem número de vivências se dá. O apego a que ele se refere surge nas falas de maneira sutil ou explícita, mostrando o grau de pertencimento que aquele indivíduo nutre pelo Lugar. Observamos claramente em nossa pesquisa esta relação das professoras com seu local de trabalho e com Austin. E como as influências sofridas por essas relações são refletidas e sentidas em suas práticas de ensino.

*O meu bairro é um bairro como todos de grande parte da Baixada Fluminense, a gente tem pouco investimento. É um bairro ainda que tem muita pobreza, tem miséria, que as casas aqui, elas foram sendo construídas de acordo com as pessoas foram chegando e tomando os espaços, e o bairro foi crescendo meio que com as próprias pernas, e nunca se teve assim, uma visão política, nunca teve um planejamento político pro bairro, nunca existiu isso...(SSL).*

*Esta é uma das áreas mais pobres do bairro, o bairro é um bairro pobre, mas essa área específica da escola JLS é uma área abandonada, você percebe que as famílias são muito humildes você percebe que não tem uma perspectiva de vida. (SSL).*

*...eu nunca penso em outro lugar que não seja o lugar em que eu moro, onde eu vivo, que eu quero que evolua. Então eu tenho isso dentro de mim, se é pra eu trabalhar se é pra eu fazer esse trabalho específico com crianças de classes populares que seja no meu bairro... (SSL)*

Fomos capazes de identificar os dois tipos de identidade apontados por Bauman (2005), nas falas das professoras. Há aquelas que claramente pertencem as “comunidades de vida”, que se sentem pertencendo ao lugar por nele nascidas. E as que seriam de “comunidades de destino”, onde as relações se fortaleceram com a empatia, com a identificação a realidade do lugar, ao ideal de vida, aos princípios, são mais representativas em nossa amostra.

*Quando me refiro às crianças: são as minhas crianças, os nossos vizinhos, os meus vizinhos, filhos dos meus amigos né, a gente conhece as pessoas daqui... Então eu tenho muito carinho por esse lugar e conhecer a vida deles faz toda a diferença, porque é você tá planejando, você sabe... (NLA)*

*Ah, eu gosto, eu acho assim que ainda deixa muito a desejar, mas acho que mudou muito em relação à época que eu era criança, nossa, meus tios contam que quando meu avô veio pra cá não tinha nada, nem luz, a luz era lamparina a querosene...(MDR).*

*...se você fala do lugar, em tudo que o lugar tem, é diferente, entendeu? Então Austin pra mim é minha casa, é minha segunda casa, tenho minha casa lá, que eu gosto daqui tem um significado afetivo pra mim... (SMA).*

O que demonstra mais uma vez que a pertença está relacionada com o quanto a pessoa se identifica com o conjunto, o cenário de realidade e relações vividas em um determinado lugar/território. Segundo Bauman (2005), essa identidade é algo que se inventa e reinventa, através das relações, e por isso é algo inacabado e incluso, assim como o sujeito, sendo constantemente criada e recriada.

*Não iria pra um lugar totalmente estranho, num outro contexto. Eu conheço bem a área, e hoje em dia tem alunos meus que já são pais, mães... Então, quer dizer, é um ambiente acolhedor. (TBS).*

*Austin é um lugar meio esquecidinho, acho que precisava assim de políticos que atentassem mais pra cá, o centro de Austin não muda há anos... Nossa, sábado fui lá, ah meu Deus do céu é a mesma passarela é o mesmo comércio a mesma disposição dos vendedores ambulantes... (TBS).*

*...mas eu tô bem, tenho amigos aqui, conheço bem o lugar... (TBS).*

De Haesbaert (2005) utilizamos a noção do lugar como instrumento fundamental de criação das relações sociais, que se apropriam simbolicamente do lugar de maneira tão intensa, que o tornam um dos maiores produtores de identidade. Assim teríamos esclarecido as falas de professoras que deixam claro sua preferência pelo lugar onde trabalham, e mais



uma vez sua prática será influenciada pela identidade formada e/ou em formação, já que inacabada.

*...é um lugar muito bom de trabalhar, tranquilo, a classe que tenho pegado, os alunos que tenho trabalhado, inclusive essa turma assim, eu to acompanhando já há três anos. Eu nunca fiz isso, tô fazendo porque é uma turma muito especial pra mim... (LDC).*

*...eu gosto desse ambiente, o cheiro do lugar, eu gosto, gosto demais, agora as condições as quais eu vejo os meus alunos, nos arredores... Moram nas piores condições possíveis e eu pude comprovar... eu visito meus alunos, eu conheço um pouco da realidade deles sabe? Então nesse aspecto não é nada agradável, não é agradável mesmo. As valas a céu aberto, as casas numa condição higiênica que são as piores que você possa imaginar... (SMA).*

*...eu tenho muito carinho com a comunidade, eu gosto daqui apesar de tudo isso que eu falei eu gosto daqui, me recebeu muito bem... (MF).*

Austin é para nós um “interstício”, um “entre lugar”, uma fronteira onde se dão as experiências das diferenças (BHABHA, 2001) e as negociações dos valores. Onde as realidades se aproximam e se repelem em um confronto contínuo, pois o que é externo tenta penetrar, e o interno tenta prevalecer. A realidade próxima é aludida pela fantasia que vem de longe. Assim Santos (2004) e Bhabha (2001) dialogam sobre essa negociação, um chamando de “entre lugares” e “interstícios” o que o outro chama de “verticalidade e horizontalidades”. Mas o lugar e a questão local permanecem no centro das discussões. Vejamos alguns exemplos:

*Ahn, como assim a minha relação? Só venho aqui em Austin só pra trabalhar, não tenho nenhuma relação com esse lugar, mas esse lugar pra mim ele tem importância no sentido de que ele faz parte de um todo chamado Baixada Fluminense, né? Nesse sentido esse lugar, pra mim, ele é muito importante porque, nesse lugar moram estas pessoas com realidades parecidas, que dirá igual à realidade do local onde eu moro... (ISB).*

*...você também nota que Austin está crescendo, populacionalmente falando. Austin é um bairro que está crescendo, que tem um fluxo hoje de veículo muito maior. Falei que fica engarrafado em Austin?! Que é um absurdo aquilo! E é uma coisa tão estranha: passa moto, carro, carroça, cavalo, cabrito, na mesma rua além dos pedestres e a gente convive com essas coisas, dá não urbanização e dá urbanização, ao mesmo tempo né... (KVS).*

*Ah, é um bairro bem simples né, ainda não oferece nenhum tipo de lazer, o comércio é bastante limitado, é as condições também são*

*muito limitadas é um bairro que eu acho que em nível de espaço físico não tem muito que crescer né, é bem limitado. (CAL).*

*...eu acho que é um lugar muito carente, que precisar se receber um incentivo né, porque a prefeitura tem muito dinheiro, mas a gente vê que Austin é um lugar muito esquecido. (MF).*

Nossa investigação revelou que, apesar das dificuldades e contradições vividas no lugar (Austin), suas professoras optaram por continuar nessa negociação a que nos remete Bhabha (2001), uma vez que tais sujeitos se querem autônomos para continuar neste lugar de encontro das diferenças, confrontando as verticalidades de fora e de longe na horizontalidade local (Santos, 2004), até quando lhes pareça preciso ou conveniente. Pois como sujeitos inacabados, inacabadas e imprecisas serão suas decisões e suas identificações, ou melhor, sua identidade com o lugar, Austin. E da mesma forma, suas práticas sofreram, sofrem e sofrerão mudanças, visto que a identidade é constantemente construída e reconstruída.

*...como é que eu vou trabalhar com meus alunos, uma consciência política pra que eles no futuro não aceitem calados e quietos todos os desmandos que tem acontecido na política, só que isso ao mesmo tempo é muito difícil porque se eu acabei de dizer pra você que eu não tenho material pra trabalhar, aí a gente não fala nada disso... (SSL).*

*Eu acredito que eu tenho uma boa relação com Austin. Eu sou conhecida, as pessoas sabem quem sou eu. Eu passo na rua encontro ex-alunos. Já tive a felicidade de escutar assim ah: essa é a K vai ser professora do fulano, uau, que bom ela vai ser professora do fulano... (KVS).*

*Ah, olha, é um leque de realidade né você vê assim, mais próximo do centro você tem uma clientela, uma realidade, então a pessoa tem que ter um pouco mais de recurso, e nos cantões é tudo bem mais precário... Nesse bairro que eu trabalhei 12 anos, lá no Tinguazinho [sub bairro de Austin], nossa, lá a gente contava nos dedos as crianças que tinham assistência da família, porque na grande maioria eram pessoas assim muito pobres sabe... (MDR).*

Ao final, deparamo-nos com a constatação de que existe um forte vínculo entre a construção da identidade profissional do grupo estudado com seu local de trabalho, e que este vínculo influencia sua forma de trabalhar. Podemos ainda afirmar que esta construção é atravessada por este vínculo, mas não se restringe a ele, sofrendo a influência de vários outros fatores.

CONCLUINDO...

Apesar de constatar que aparentemente o universo de apenas um bairro num município fosse um universo muito reduzido, vimos no decorrer da pesquisa que muitos achados refletem a realidade de um universo muito mais amplo, podendo ser comparados com estudos realizados em outros municípios ou estados. Alguns achados são coincidentemente próximos de pesquisas realizadas em outros países e até em outros continentes. O estudo de caso fornece essa possibilidade de obter dados muito ricos em universos relativamente pequenos. Ao mesmo tempo em que são peculiares, apresentam similaridades com outras realidades distantes no espaço e até no tempo.

A identidade profissional das professoras de Austin poderia se encaixar nas classificações de Bauman (2005), com suas comunidades de destino, ou ainda em Dubar (2005) com sua identidade visada, atribuída ou assumida. Porém o que podemos observar em nossa pesquisa é que muitas destas professoras se descobriram professoras em um processo de construção de identidade contínuo e interminável, pois para a grande maioria, ser professor não se encerra nas quatro paredes de uma sala de aula, nem nos muros da escola. Ser professor, no caso das professoras de Austin, reside também em compreender a realidade em que estão inseridas, em compreender suas limitações as limitações impostas por tal realidade e pelas instituições públicas, mas acima de tudo, acreditar que tem um papel fundamental para ajudar a modificar tais cenários, por mais difícil que possa parecer. Se pudéssemos atribuir alguns adjetivos às professoras do 1º segmento do ensino fundamental de Austin, dois não poderiam faltar: teimosia e criatividade. Assim, a identidade profissional para essas professoras constitui, antes de tudo, um compromisso com sua profissão, seus alunos e com a comunidade a que estão atreladas diretamente.

Ficou claro que para estas professoras, se identificar com o lugar, conhecer a realidade deste lugar, é fundamental para o bom andamento de seu trabalho. Consequentemente, sua identidade profissional é moldada (mas não definida) por essa realidade vivida, e suas relações cotidianas com o lugar. O mesmo ocorre com o processo de ensino, que sofrerá as naturais adaptações a fim de obter melhor êxito junto à comunidade escolar.

Do mesmo modo, a prática docente será afetada por essas peculiaridades. As professoras foram claras e incisivas em dizer que “o lugar onde se está trabalhando interfere sim” na prática docente. A sua relação com seus alunos é permeada por um conjunto de compreensões e sentimentos que lhes permita saber “a medida certa” para os alunos conseguirem acompanhar o conteúdo, respeitado seu tempo e suas limitações, sem causar prejuízos a seu aprendizado e sua autoestima. O desafio destas professoras é grande, pois mesmo tolhidos pela realidade local, é

preciso avançar, para que seus alunos não sofram um isolamento maior do que já sofrido pelo abandono público e social em que se encontram.

Em suma, após as investigações realizadas, é possível afirmar que no caso de Austin, mas muito provavelmente também em outras realidades próximas (campo vasto para mais estudos), o processo de construção da identidade profissional passa necessariamente pelo lugar, que contribui nesta construção, porém não se encerra nele. Assim como o próprio lugar passa por um processo de construção e reconstrução contínuo, a identidade das professoras de Austin sofreu, sofre e sofrerá mudanças, num processo incessante de formação identitária.

Outra constatação possível é a de que as influências sofridas na prática docente por conta das relações com o lugar Austin provavelmente ocorre em outros lugares. Por este motivo consideramos equivocado buscar resultados homogêneos em realidades diferentes, como vem tentando organismos nacionais e internacionais ligados à área educacional em todas as esferas. Nesta tentativa de igualar nossa grande diversidade regional reside certamente uma das causas do fracasso educacional brasileiro. As diferentes realidades, suas peculiaridades e limitações, precisam ser levadas em conta, pois influenciam a construção das identidades profissionais e as condições de trabalho dos docentes.

O que pudemos ver em Austin foi uma realidade sofrida e precária, o que os aproxima de muitas outras realidades brasileiras, mas também pudemos ver pessoas que continuam acreditando na educação como forma de promover mudanças numa sociedade. As professoras de Austin, como as demais professoras deste segmento muitas vezes esquecido, demonstraram um claro sentimento de abandono por parte do poder público, da sociedade e da academia.

É fácil ver nessas professoras uma carência pelo conhecimento, pela valorização de seu trabalho, pela vontade de dizer: “somos todos professores e estamos todos juntos”, apesar das disparidades de grau de conhecimento ou remuneração. Ficou muito claro nas falas e expressões das professoras que o que mais lhes aflige e incomoda é a desvalorização profissional, a falta de reconhecimento do seu trabalho, da sua importância e do seu papel no processo de construção social. A estes se acrescem os frequentes equívocos cometidos nas poucas tentativas em lhes oferecer capacitação em serviço.

Concluimos este trabalho na esperança de preencher algumas lacunas na área, sem a pretensão de encerrar assunto tão vasto e que continuará vivo, à espera de novas pesquisas, novas abordagens. Ao final o que dizer? Vivemos um momento em que mudanças ocorrem numa

velocidade frenética. Dias de transmutação, onde o mundo globalizado, com amarras econômicas e mordanças políticas, se debate para libertar-se das suas aflições e de seus fantasmas. Dias que trazem novas e velhas novidades.

Enquanto isso, em um bairro pobre de um município da baixada fluminense, a educação resiste, teima e segue seu curso, pois ainda existem aqueles que enfrentam os problemas mesmo lhes faltando as estratégias, os modelos e os conhecimentos necessários. Ensinando-nos que haverá esperança em dias melhores sempre que houver uma criança e um professor identificado com sua profissão, disposto a trabalhar junto dela e a acreditar no seu trabalho.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRÉ, Marli E. D. A. Estudo de caso: seu potencial na educação. *Cadernos de Pesquisa* no. 49, São Paulo, 1984.
- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2005.
- BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.
- CLAVAL, Paul, O Território na transição da Pós-Modernidade, *Geographia*, Revista do Programa de Pós-Graduação Em Geografia da UFF, Ano I N° 2. Niterói: UFF/EGG. 1999.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix, *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DUBAR, Claude. *A socialização: construção das identidades sociais e profissionais*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FRANCO, Maria Laura. *Análise de conteúdo*. Brasília: Liber Livros, 2008.
- HAESBAERT, Rogério. Identidade E Migração Em Áreas Transfronteiriças, *Geographia*, Revista do Programa de Pós-Graduação Em Geografia da UFF, Ano III N° 5. Niterói: UFF/EGG, 2001.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós – modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2006.
- KERLINGER, Fred. *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: EPU, 1980.
- SANTOS, Milton. O professor como intelectual na sociedade contemporânea. *Anais do IX Encontro Nacional de didática e prática de ensino*. São Paulo, 1998.
- \_\_\_\_\_. *A Natureza do Espaço: Técnica E Tempo, Razão E Emoção*. São Paulo: EDUSP. 2004.
- SOUZA, Marcelo Lopes de, O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. *et al.*(org.), *Geografia: conceitos e temas*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.